

ANTRO  
PO  
LOGIA  
Portuguesa

Vol. 3.º 1985

Instituto de Antropologia — Universidade de Coimbra

## O Macaco, a África e o Homem

COPPENS, Yves

Lisboa, Gradiva-Publicações Lda., 1985, 146 p.

A originalidade do texto de Yves Coppens (Y. C.) e até o encanto que se colhe da sua leitura residem na perspectiva bem vincada como desde o início o autor situa o seu estudo: trata-se de perspectivar em grandes traços a História Natural do Homem — «um momento de reflexão sobre os dados, as ideias e o melhor modelo de antropogénese» (p. 21). Daí que Y. C. se debruce sobre esta mais recente etapa de vida na terra que são os 70 milhões de anos (m. a.) que vão desde o aparecimento dos Primatas até ao Homem num esforço que é de «reconhecimento» e «reconstituição» mas também de «animação» e «cenário» já que o autor reivindica para a ciência paleontológica também o dever de imaginar pois que nesta ciência, e não obstante o aumento constante de dados, «a parte que tem de extrair(-se) da hipótese é (ainda) imensa» (p. 23).

Retomando o «leit-motiv» da campanha anti-darwinista que colocava o Homem a descender do macaco, Y. C. explica claramente que o Homem não descende do macaco mas descende sem dúvida de *um* macaco, pois «não há dúvida alguma que o Homem e o Chimpanzé são anatomicamente, bioquimicamente, citogeneticamente, etologicamente, extremamente próximos e de que parece assente que tal afinidade significa que ele e nós temos num passado geologicamente próximo (menos de 10 m. a.) um ascendente comum» (p. 28).

Y. C. analisa em seguida a maneira como os cientistas têm aplicado a chamada «observação transformante», elemento condicionante inevitável, numa ciência em que a partir do ponto de chegada é o ponto de partida que se procura; e como isso pode por vezes baralhar o jogo das filogenias sobretudo quando os fósseis se limitam (e são muitos os casos) a uns quantos dentes e fragmentos de maxilas. Fica assim acautelado o leitor quanto às suas próprias, ainda que legítimas, interpretações.

Feitas estas observações Y. C. parte para o percurso dos 70 m. a. começando por indicar como provável o itinerário genealógico do Homem a partir

da família do *Purgatorius*, esse longínquo primata conquistador de um novo nicho ecológico, passando a seguir pelos antiquíssimos *Adapidae* e pelos velhíssimos *Omomyidae* como primeiras etapas desse longo percurso (p. 42-43). Caberia portanto ao então continente euro-americano a honra de ter sido o berço dos Primatas ao longo do Cretácico antes ainda de a Europa se juntar à Ásia e à África, o que viria a ocorrer no eoceno.

Deixando de lado os pequenos macacos do Novo Mundo cuja história desde então deixará de contar para a história do Homem, Y. C. debruça-se sobre os grupos entretanto aparecidos no Velho Mundo em finais do eoceno (40-38 m. a.) cuja origem poderia ser tanto a América (com passagem pelo estreito de Bering) como a Europa (p. 49).

Analisando os primeiros macacos catarríneos incontestavelmente patenteados pelos depósitos oligocénicos de Fayum (36-25 m. a.), Y. C. descreve em linhas gerais a evolução dos três grupos (famílias) aí evidenciados: *Parapithecidae*, *Cercopithecidae* e *Propliopithecidae*, correspondentes a três níveis distintos, considerando que os do último género (o *Propliopithecus* ao qual se associa o *Aegyptopithecus* de há 30 m. a.) «talvez representem efectivamente os antepassados de todos os outros Primatas superiores do Velho Mundo» (p. 55). E aqui é que as generosas jazidas de Fayum descobertas por Schweinfurth em 1879, escavadas por R. Markgraf em 1906 e recentemente (a partir de 1961) por E. Simons dão um contributo determinante para o conhecimento do episódio oligocénico (segmento de 35-25 m. a.). Para a fase seguinte (segmento 25-15 m. a.) Y. C. concentra a sua atenção no aparecimento e expansão em África da família Dryopithecidae, macacos susceptíveis de descenderem eles próprios do *Propliopithecus* (através do *Aegyptopithecus*), grupo aliás bem florescente em África e «no qual bem poderíamos, de uma maneira ou outra, mergulhar as nossas raízes familiares» (p. 61). Aqui Y. C. reforça a sua opinião própria com a de outros cientistas que «viram neles (Driopitecos) antepassados inteiramente aceitáveis do Homem; uma das espécies da forma africana, *Dryopithecus* (Proconsul) *africanus* foi mesmo atribuída genericamente ao *Kenyanpithecus*, considerado frequentemente como o predecessor imediato do *Australopithecus*» (p. 63).

Atento à perspectiva que a si próprio se impôs (a da História Natural) Y. C. chama a atenção para o que designa como «ponto crucial do mioceno: há 17 m. a. a África entra em contacto com a Eurásia fechando o mar que ligava o Mediterrâneo ao Índico» (p. 64) e daí resultou o contacto (importante para os Primatas superiores) África-Ásia. Daí tiraram partido três grupos da Eurásia:

— *Oreopithecus*, *Pliopithecus*, *Dryopithecus*, estando este representado por uma enorme variedade de formas das quais se destacam «o *Gigantopithecus* (que) representaria uma via sem saída; o *Kenyanpithecus* (que) poderia estar ligado à ascendência dos Hominídeos e dos Gorilas e Chimpanzés, logo, directamente à nossa história; quanto ao *Ramapithecus* e ao *Sivapithecus*, eles teriam antes a ver com a origem do Orangotango» (p. 83).

Y. C. concentra então a sua atenção no que designa de província biogeográfica de sudeste africano onde se encontram os Australopitecos, grupo

extremamente importante, que embora não apresente bem «a amplitude espacial nem a amplitude temporal dos Ramapitecos ou dos Driopitecos ... apresenta-se mesmo assim mais complicado do que aparentara (p. 86).

O estudo do grupo é introduzido pelo *Australopithecus afarensis* que Y. C. prefere considerar pré-australopiteco, essa *birkinesh* («pessoa de valor») dos etíopes que para os paleontólogos futuros ficará sem dúvida com a designação mais prosaica de Lucy. Para Y. C. a descoberta do Afar etíope não é mais do que «uma apaixonante forma ancestral de *Australopithecus*, mas que também se tornou seu primo após o aparecimento deste último género» (p. 99), e daí a justificação encontrada para a designação de *Pre-Australopithecus*.

Para Y. C. a cultura que acompanha o grupo australopiteco (que Dart designou por osteodontoquerática: de ossos, dentes e cornos) é autêntica ainda que os detractores de Dart preferam falar de «dartfactos» (p. 94). Este elemento é determinante para o passo seguinte que segundo Y. C. se evidencia quando ...«surgem restos de Hominídeos fósseis de morfologia muito mais moderna» ... em que o autor constata a ...«acumulação de traços novos em peças no entanto ainda bem primitivas sob vários aspectos» (p. 101). Aí temos o *Homo habilis*. Explicando o seu ponto de vista, partilhado aliás por paleontólogos de renome, Y. C. explica como chegou a essa conclusão ainda muito sua: «para a maioria dos autores, em consequência dos nossos trabalhos no Vale de Omo, esta antiguidade (do *Homo habilis*) situa-se há cerca de 2 200 000 anos; na verdade fomos mais longe após a identificação de certas ossadas, e falamos de *Homo habilis* a partir de há 4 m. a. (Kanapoi, Quênia), embora não tenhamos ainda seguidores, o que faria entrever uma descendência *Australopithecus-Homo* de há 4 a 5 m. a., uma vez mais, uma dilatada co-existência entre um e outro (p. 101).

Jogando com uma quantidade enorme de dados Y. C. avança com uma hipótese, subjacente aliás à sua interpretação geral do leste africano, a que não faltará a imaginação que desde o início do livro reivindicou: «Temos quase a prova da evolução dos Hominídeos entre o vale do Rift e o Oceano Índico. Temos por outro lado todos os dados anatómicos, bioquímicos, citológicos, citogenéticos, etológicos... indispensáveis à demonstração de que somos primos dos Panídeos» (p. 112). A aventura humana estaria pois ligada a um «processo de transformação do clima que provocou, no seio da população dos nossos antepassados, a separação entre os nossos primos e nós próprios a partir do mioceno superior» (p. 114).

Por fim Y. C. supera, com uma teoria brilhante, a velha questão das «espécies fraccionárias» que sempre foram um quebra-cabeças para os amantes da classificação em paleontologia humana. É a eterna dificuldade de arrumar espécies intermédias que habitualmente se classificam sob a forma de fracção — *Homo habilis/erectus*, *Homo erectus/sapiens*, etc. Para Y. C. a questão é simples: «o que denominamos *habilis*, *erectus* e *sapiens* não são provavelmente verdadeiras espécies, mas estádios morfológicos, graus de uma superespécie panmíctica assaz estranha que vai dar às suas invenções técnicas e culturais esse desenvolvimento extravagante que se conhece» (p. 123).

Com esta observação Y. C. termina o seu ensaio mostrando à sociedade que cumpriu o que prometera: contar a História Natural do Homem, sem limites nem de tempo nem de espaço, mas com inteligência e imaginação.

M. L. RODRIGUES DE AREIA